

REENCONTRO
literatura

Charles Dickens

O Natal do avaro

Tradução e adaptação em português de
Telma Guimarães Castro Andrade

Ilustrações de
Renato Arlem



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição
Ângelo Alexandref Stefanovits

Revisão
Thiago Barbalho

Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuelo

Programação Visual de capa e miolo
Didier D. C. Dias de Moraes

Diagramação
Marcos Dorado dos Santos



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2015

ISBN 978-85-262-8388-6 – AL

ISBN 978-85-262-8389-3 – PR

CAE: 263491

Cód. do livro CL: 738025

3.^a EDIÇÃO

4.^a impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Telma Guimarães Castro, 1564-1616.

O Natal do avarento / Charles Dickens; adaptação em português de Telma Guimarães Castro Andrade. – São Paulo: S cipione, 1997. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Dickens, Charles, 1812-1870 II. Título. III. Série.

00-1817

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |



Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>Quem foi Charles Dickens?</i>	5
Capítulo I – O sobrinho insistente.	8
Capítulo II – O espírito de Natal	17
Capítulo III – Estranho reencontro	23
Capítulo IV – Adeus, escola	30
Capítulo V – Festa no armazém.	37
Capítulo VI – O brilho da cobiça	44
Capítulo VII – Pudim de passas	51
Capítulo VIII – Caricaturas e adivinhações . . .	68
Capítulo IX – Chance perdida	77
Capítulo X – Homens e mulheres de negócios. .	80
Capítulo XI – Duas maneiras de morrer	85
Capítulo XII – Feliz Natal, Sr. Scrooge.	93
<i>Quem é Telma Guimarães Castro Andrade?</i>	104

QUEM FOI CHARLES DICKENS?

Lembre-se de Charles Dickens (Inglaterra, 1812-1870) sempre que você ligar a TV para assistir a um capítulo de novela: foi a partir do sucesso de seu *The Pickwick papers* (adaptado para a Série Reencontro com o título de *O Sr. Pickwick em flagrantes*) que essa forma seriada de contar histórias tornou-se mundialmente famosa. Isso aconteceu na Inglaterra, durante os anos de 1836 e 1837, quando pela primeira vez uma publicação atingiu a surpreendente tiragem de 40 000 exemplares.

A fórmula descoberta por Dickens transformou-se em modelo não só para outros escritores da época, mas para o próprio autor: seus romances foram todos editados na forma de folhetins, ou seja, em episódios, geralmente mensais. Como acontece com as novelas de televisão, cada capítulo tinha que conter ação, excitação e suspense suficientes para manter os leitores interessados no episódio seguinte. O “nível de audiência”, medido pelas vendas, tendia a ditar a futura ação a ser tomada.

Tal popularização da literatura não era apreciada pela crítica, que acusava Dickens de “fabricar entretenimento” e de ser “um homem que recebera pouca educação escrevendo para um público mais escassamente educado que ele”.

Na verdade o menino Charles não teve oportunidade de frequentar a escola por muito tempo. Filho mais velho de um escriturário que gastava muito mais do que suas posses o permitiam, aos doze anos foi obrigado a trabalhar numa fábrica de graxa para sapato. Seu pai acabou sendo preso por dívidas e toda a família, sem dinheiro sequer para pagar o aluguel, mudou-se para a prisão; exceto o pequeno Charles, porque ele tinha emprego e alojamento. O sentimento de abandono, a partir de então, nunca mais deixou o escritor, e a figura da

criança perdida, perseguida, abandonada, se tornou personagem central de muitas das suas obras, como *David Copperfield* e *Oliver Twist*.

Por natureza e por necessidade financeira, a capacidade de trabalho de Charles Dickens era assombrosa. Empregado de tabelião aos quinze anos, aprendeu estenografia. Um pouco mais tarde já trabalhava como repórter para revistas e jornais. Logo depois, sob o pseudônimo de *Boz*, publicava crônicas em que elementos reais e imaginários, fundidos humoristicamente, tornavam-no um jornalista cada vez mais apreciado. A reunião dessas crônicas deu origem à primeira obra de Dickens publicada em forma de livro: *Esboços de Boz*, em 1836.

Desde então até 1870, ano de sua morte, escreveu dezessete romances, inúmeros contos e poemas, criou e dirigiu jornais e revistas, produziu e escreveu peças teatrais e tornou-se internacionalmente famoso pelas leituras públicas que fazia de suas obras, momentos em que conseguia cativar e comover profundamente a plateia.

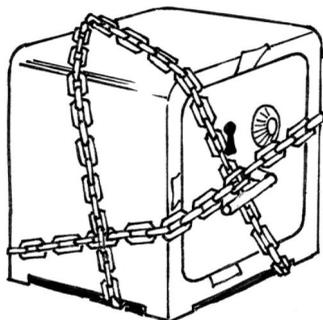
O público para quem Dickens escrevia adquirira conscientização política com as consequências negativas da Revolução Industrial: o êxodo rural, que sujeitava o trabalhador a baixos salários e a brutais condições de trabalho nas fábricas; a falta de representantes da classe operária no Parlamento; a profunda depressão econômica causada pela superprodução de mercadorias. Dickens, através dos seus escritos, deu grande publicidade aos abusos que se cometiam contra a população pobre da Inglaterra, por também ter sido vítima daquele sistema social opressivo. O professor vingativo, o patrão tirano, o menor abandonado, as leis injustas, a prisão por dívida, o frio, a fome, a doença faziam parte da vida de personagens e leitores.

Muitos desses elementos estão presentes em *O Natal do avarento* (*A Christmas carol*), o primeiro da série dos chamados “livros de Natal” de Dickens. Publicado em 1843, foi seguido

anualmente por inúmeras outras obras tematizando o Natal (com exceção do ano de 1847), até 1867. Vários desses livros alcançaram grande popularidade, mas *O Natal do avaro* supera a todos eles pela singeleza e densidade dramática com que propõe que o espírito de Natal prevaleça durante o ano inteiro.

Em conjunto, essa série constitui uma celebração do Natal que nenhum outro escritor realizou. A figura de Dickens se tornou a própria encarnação do Natal aos olhos de sua época, o que explica a decepção de uma fã quando soube de sua morte: “Dickens morreu? Então o Natal também vai morrer?”.

Dickens morreu repentinamente, aos cinquenta e oito anos, e foi enterrado na abadia de Westminster, por designação de sua mais nobre leitora, a rainha Vitória.



Capítulo I

O sobrinho insistente

A placa com o nome dos proprietários – “Scrooge & Marley” – ficava bem na frente do armazém. Suas letras forjadas em ferro dourado brilhavam quando o estabelecimento foi inaugurado, mas a ação do tempo escurecera-as pouco a pouco, até enegrecê-las totalmente.

Saía ano, entrava ano, e um dos proprietários, o velho e magro Ebenezer Scrooge, continuava no comando do negócio, vestindo o mesmo sobretudo de lã cinza puído nos cotovelos e uma desbotada echarpe xadrez, além de uma velha cartola empoeirada que ele deixava dependurada no cabideiro junto à porta da loja.

Scrooge era um avarento de corpo e alma. Seus olhos sem vida só adquiriam brilho quando ele contava as moedas no cofre, ao fim de um dia de trabalho, como

estava fazendo agora. Divertia-se com elas feito criança com um brinquedo novo e cantarolava baixinho, com voz esganiçada: “Isto é música para os meus ouvidos”.

Trazia as moedas para perto dos olhos, conferindo o valor de cada uma, e depois pousava-as com carinho na palma da mão. Então, com as mãos em concha, juntava-as sobre o peito, ninando-as como se fossem bebês. “Ah, minhas pequeninas! Como eu amo vocês! São as minhas únicas amigas, o tesouro da minha vida!”, derretia-se o velho ganancioso, solitário como uma ostra, coração duro como o aço.

Durante esse ritual, Scrooge espirrou e assoou o nariz com um lenço encardido que trazia no bolso. Nele, as suas iniciais já amareladas pelo tempo... “Droga de frio... Só faz piorar meu resfriado!”, resmungou.

Scrooge se enganava. O frio não estava no ambiente externo. O frio morava dentro dele e congelava suas feições, acinzentava a extremidade do seu nariz pontiagudo, contraía e enrugava seu rosto, enrijecia seu andar, avermelhava seus olhos, tornava azuis seus lábios finos, esganiçava sua voz áspera. Tudo nele parecia ter sido talhado em gelo: a cabeça, as sobranceiras, as costeletas enormes, a boca e o queixo proeminente. Scrooge não podia culpar nem o resfriado nem a baixa temperatura... Ele carregava o frio dentro de si e distribuía punhados de granizo aos que estavam à sua volta. Mantinha o seu escritório congelado, zelando para que a temperatura nunca se elevasse e derretesse o grande gelo de sua alma...

Nada parecia afetá-lo... Ele não melhorava com a chegada da primavera ou do verão. Nem mesmo na época do Natal. Calor algum aquecia aquele coração insensível, vento nenhum era mais cortante que sua voz, nem mesmo a neve era tão fria quanto os seus sentimentos.

Ninguém jamais parou o velho avarento na rua para convidá-lo a sua casa: “Como vai, caro Scrooge? Quando é que você vem me visitar?”; nenhum mendigo ousou implorar por esmola, e as crianças temiam até lhe perguntar as horas. Ao passarem por ele, as pessoas sentiam um arrepio pelo corpo, mesmo se fosse verão.

As jovens se desviavam dele e apressavam o passo, ainda que não conhecessem o caminho. “Prefiro ficar perdida nesse bairro a pedir informações a esse velho ruim!”

Até os cães que serviam de guia aos cegos pareciam temer o avarento e, abanando a cauda, tratavam de arrastar seus donos para dentro de casa. Era como se dissessem: “Patrãozinho, é preferível não enxergar nada a ver um espírito do mal”.

Ah, mas Scrooge nem ligava! Ele até achava ótimo que as pessoas o evitassem, assim ninguém lhe pediria favores ou dinheiro emprestado.

“Ele é louco!”, exclamavam todos à sua passagem.

Naquele dia, Scrooge chegou cedo ao escritório, como sempre. Estava muito frio, por isso resolveu permanecer com o único par de luvas de lã que possuía. Geralmente costumava guardá-las na gaveta da escrivaninha, para que não se deteriorassem com o uso. Elas estavam durando bastante. Era preciso poupá-las, para que durassem ainda mais...

O ambiente empoeirado causou-lhe um espirro, e ele procurou seu outro lenço. “Onde o guardei? Talvez na gaveta da escrivaninha”, pensou. Tirou um molho de chaves do bolso da calça e abriu as gavetas da grande escrivaninha de mogno. Nada. Talvez no cofre. Olhou em